

EDITORIAL

O HOMEM PORTUGUÊS

Antônio Gomes da Costa

Estamos reunidos neste "altar da Pátria", erguido no coração do Rio de Janeiro, para comemorar o *Dia de Portugal*. E na liturgia da solenidade o primeiro impulso é evocar a Epopéia de um povo, desde Ourique até hoje, a dimensão e as vicissitudes de sua História, a coragem e o gênio de seus Maiores. Mas seria pouco ficarmos atidos ao passado e ao simples louvor daqueles que sonharam, defenderam e construíram uma grande nação. O que foi Portugal ao longo de mais de oito séculos; o nome de seus heróis e de seus santos; a sua determinação para manter-se livre e com identidade própria na meseta da Península; os feitos das Descobertas e das conquistas de além-mar que dilataram o Império e os limites da cristandade; a difração de uma cultura e a diáspora de um povo – tudo isso enche-nos de orgulho e baliza, no breviário cívico da grei, uma certeza inabalável: a de que a grandeza de Portugal não dependeu de sua geografia ibérica; nem de suas riquezas naturais; nem de seu poderio militar – dependeu sim, quase sempre, do esforço e da coragem do Homem português. Foi ele que expulsou os mouros no início do reinado portugalense; foi ele que saiu às ruas para levar D. João I a levantar as forças genuinamente nacionais contra Castela; foi ele que tornou realidade os sonhos do Infante de Sagres e contruiu naus, e pôs-se ao mar, e contornou a África e descobriu o Brasil e as rotas das especiarias; foi ele que levou a Língua e a Fé às regiões mais remotas; que construiu igrejas e fortes; que se misturou com outras etnias; que empreendeu em todos os meridianos e rasgou em todas as direções.

No Homem português, na sua capacidade de sonhar e de fazer, na sua vocação de interpelar o impossível, e desafiá-lo, no seu jeito simples de conquistar almas e amizades, é que estão fincados os alicerces de uma nação.

Foi no Passado assim – e que testemunhe o Brasil, onde, desde a chegada da frota de Pedro Álvares Cabral e das primeiras expedições, até à Diáspora dos séculos XIX e do século XX, os portugueses cumpriram e ajudaram a realizar a Obra fantástica que transformou a "terra dos brasis",

como a chamavam os primeiros jesuítas, numa das maiores potências do mundo. Da unidade do território à catequese; da civilização nos trópicos à mistura de raças; do cruzamento de culturas à união dos "dois reinos"; da fundação de cidades ao enriquecimento do idioma – em todos os setores e domínios este país sentiu o valor e a estatura do Homem português, alargou-lhe os horizontes, constituiu-se em espaço exuberante e fecundo para a multiplicação de seus "gens", abriu-se, em oportunidades para que pudesse realizar todos os seus projetos.

Não, não foram os Vice-Reis, nem os Governadores; não foram as Cortes; não foi um herói sozinho, nem um estadista ousado que marcaram o Brasil com o brasão da lusitanidade. Foi o Homem português, anônimo e humilde, sem pendão e sem bandeira, na sua entrega à terra generosa e boa, que levou as fronteiras para oeste, sem se importar com as Tordesilhas; que povoou o território com a sua prole; que introduziu técnicas de produção; que rezou e cantou a cruz em lugares distantes; que cometeu seus erros históricos e equívocos na administração, mas sempre pensando no país novo que se construía e no futuro que chegava.

Por isso, neste "lausperene" ao Passado, à Epopéia camoniana, àqueles em "quem poder não teve a morte", temos também de projetar o devir. Numa altura em que não acontece o "fim da História", a que se referia Fukuyama, mas em que a globalização e a formação de grandes espaços econômicos e políticos tendem a dissolver as linhas demarcadoras das nacionalidades, cabe perfeitamente a pergunta sobre onde vai estar e ficar esse Homem português, criador e aventureiro, peregrino e inquieto, que desceu o atlântico, que desbravou sertões, que se deparou com outras raças, que foi parar a todas as sete partidas do mundo? Onde vai estar e ficar esse Homem português, inserido num conjunto de países europeus, onde as soberanias são em grande parte reduzidas, onde os interesses mais fortes são determinados pelos Estados mais ricos? Onde vai estar e ficar esse Homem português, até aqui disperso pela Diáspora, que tende a desaparecer nas próximas décadas nos países de acolhimento onde realizam seus projetos de vida? Onde vai estar e ficar o Homem português, na Península, com a sua identidade intacta, ou na União Européia a seguir as diretivas de Bruxelas, a cumprir os critérios de Maastricht, a plantar vinhas no Douro na quantidade que for determinada pelos parceiros, ou a comer a manteiga trazida da Holanda e as frutas importadas da Espanha?

Apesar das dúvidas e das perplexidades, nós acreditamos que o Homem português vai continuar, na sua inteireza de raiz, a ser o mesmo, não abdicará jamais de seu caráter, não se deformará na sua maneira de ser e de estar no mundo. Não se venderá aos fundos estruturais da Europa; não renegará a sua

vertente atlântica; não deixará de ser autêntico, telúrico, robusto na crença e sovina na guarda de seus valores civilizacionais – porque, se por acaso esse Homem mudar, se perder o amor próprio, se deixar que os outros decidam por ele, se perder o seu conteúdo patriótico, então, perder-se-á Portugal, como se houvera uma tragédia cósmica.

Mas se no tricentenário da morte de Camões em 1880, num 10 de junho como hoje, quando a onda de desânimo e os escândalos tomavam conta do país – era a crise da monarquia, era a Conferência de Berlim, era o "mapa cor de rosa" e o Ultimatum inglês, era o desentendimento dos partidos e as críticas arrasadoras dos "vencidos da vida" – tivemos a reação dos portugueses do Brasil, um grito que se ouviu do outro lado do mar, contra o decadentismo e o bota-abaixo; se foram os portugueses do Brasil que de alguma forma se mostraram inconformados com os "cortejos do bacalhau" da baixa lisboeta ou com os desatinos dos políticos, e deram, eles próprios, um exemplo fantástico, construindo esta Casa para celebrar Camões, remetendo libras para sustentar a paridade do câmbio, mandando fazer palacetes na sua terra natal para dar trabalhos aos conterrâneos; se foram os portugueses do Brasil que em outras oportunidades históricas apostaram na "paideia" de um povo – também agora, ao aproximarmo-nos do fim do milênio, quando tantas transformações atingem os países e as novas tecnologia apontam para um mundo novo, são eles que outra vez têm um grande dever. E não é para indicar caminhos aos portugueses do outro lado, nem para sinalizar perigos da integração, nem tampouco para pôr dúvidas sobre opções feitas neste ou naquele sentido. O nosso dever, neste momento, é convencer Portugal e os portugueses da Europa que se existe um país no mundo onde ele se pode sentir grande e eterno, esse país chama-se Brasil. Numa federação de estados continentais dentro de um século ou de um milênio pode ser que um pequeno território perca seus traços individualizadores, como no passado correu o risco de ser absorvido pela Madre Hispania, quando estiveram em moda os profetas do iberismo. Mas, do Brasil, Portugal nunca desaparecerá. A sua Língua é a nossa Língua; o seu sangue é muito do nosso sangue; os seus legados estão incorporados no corpo e na alma deste país.

Nem todos podem ter consciência desta transubstanciação lusíada e muitos haverá que, por causa do fascínio de além-Pirineus, não sentem a aproximação e o gosto do Brasil. Como outrora os "fumos da Índia" e os ganhos fáceis do comércio de especiarias não permitiram perceber que a grande missão dos portugueses não estava na chatinagem da pimenta e das sedas do Oriente, do gengibre e das pérolas do Ceilão, mas estava nos desafios da terra de Vera Cruz.

O Homem português não será mais o mesmo se em seu imaginário e em sua alma, nos seus afetos e nos seus sonhos, não estiver presente o Brasil. E se o Homem português mudar, se não for o mesmo, nas suas virtudes e na sua estrutura interior, Portugal também mudará, será talvez mais europeu, ajustar-se-á às regras de Bruxelas, integrará programas comunitários, obedecerá às políticas comuns, ao Bundesbank, ao parlamento de Estrasburgo, mas decerto não será o Portugal ecumênico e universal de sempre, faltar-lhe-á a dimensão do mar, será um país decepado de Sonhos, – daqueles sonhos que o fizeram grande ao correr dos séculos.

*

Discurso pronunciado no Real Gabinete Português de Leitura no *Dia de Portugal* – 10.06.97, pelo Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, Dr. Antônio Gomes da Costa
